

DJACIR MENEZES, *CURSO DE ECONOMIA POLÍTICA.*

— (Livraria Freitas Bastos, Rio,
— 1947) 367 págs.

O Professor DJACIR MENEZES se impôs a grande tarefa de dotar a literatura econômica do Brasil de um amplo *Curso de Economia Política*. O primeiro volume,

que acaba de ser publicado, se dedica, quase exclusivamente, às noções e questões fundamentais da teoria. O segundo volume, já em preparo, tratará da “História do Pensamento Econômico”.

O autor do “Curso” é um espírito enciclopédico — qualidade, esta, cada vez mais rara em nossa época de exagerada especialização. Ele nos tem dado, com uma capacidade pouco comum, para explicação dos mais difíceis problemas, obras sobre teoria do direito, psicologia, lógica, pedagogia, sociologia, e vários outros livros sobre a ciência econômica pura e aplicada. Este conhecimento dos domínios vizinhos da economia política dá a sua nova obra uma nota pessoal das mais atraentes. Ainda que o autor a apresente, no prefácio, modestamente, como um livro de orientação, essencialmente, pedagógica, ela é muito mais que um simples “textbook”, visto como oferece, sob forma metódica, uma brilhante síntese do pensamento econômico do nosso tempo.

Especialmente, a primeira parte: “Introdução Metodológica” reflete as próprias idéias do autor. Ele examina, minuciosamente, os dois principais métodos utilizados na análise dos fenômenos econômicos: o método matemático e o método histórico. Inclinado, talvez, pessoalmente, mais para o método matemático, ele não deixa

de reconhecer os perigos de uma excessiva abstração. É preciso — diz ele — aplicando à nossa disciplina a observação de um biólogo, tratar os fenômenos econômicos “com Matemática” e não “como Matemática”. O método histórico está, indubitavelmente, mais próximo da vida, da realidade dos fatores técnicos e psicológicos, condição primordial para o conhecimento e formulação das leis econômicas. Mas, esse método, também, oferece os seus perigos; ele pôde degenerar num historicismo sem relação com as necessidades do presente, por meio de analogias artificiais e falaciosas, às vezes misturadas com preocupações de ordem política, incompatíveis com a pesquisa da verdade.

Então, para onde iremos? Devemos morrer de fome e de sede, como o asno de Buridan, que não sabia escolher entre um balde de água e o feixe de capim, colocados a igual distância, diante d'ele?

O autor nos tranquiliza: não se trata, com efeito, de alternativas; pode-se conjugar, hábilmente, os dois processos metodológicos gerais assinalados que se completam e se corrigem. “A análise matemática permite-nos o planteamento de questões abstratas, dando-nos meios de visionar as relações lógicas de problemas complexos, como são a maioria dos problemas contemporâneos, permitindo-nos o deduzir de consequências impossíveis com outro método. Restrinjamo-nos, portanto, à sua esfera de aplicação e harmonizemos sua força com a realidade humana, com a perspectiva profundamente viva e concreta, que nos fará sentir a ciência econômica como processo social ligado aos interesses dos grupos”.

É neste estado de espírito, a uma vez científico e realista, que o autor se atira aos assuntos propriamente ditos da economia política. Ele agrupa a matéria em três partes: uma compreende a teoria do valor e da formação de preços, assim como as questões correlatas, entre outras as de formação de empresas e organização do trabalho; a segunda parte abrange a moeda e os bancos e a última os ciclos econômicos e as crises, a planificação e o socialismo.

A exposição da teoria do valor e dos preços segue os esquemas da escola da utilidade marginal e a técnica de MARSHALL, de tratar dos problemas matemáticos mais complicados nos “apêndices”. Mas, “as teorias objetivas do valor”, de RICARDO e MARX encontram, também, o seu lugar e a sua justa apreciação.

A exposição torna-se mais viva e crítica nos capítulos sobre a moeda e os bancos. O autor não é, conforme se depreende de seus escritos anteriores, um partidário da política metalista. Ele considera o “lastro ouro”, de acordo com KEYNES, uma “reliquia bárbara”;

mas, não nega a importância desse metal nas relações internacionais, uma vez que “sólidos e vastos interesses de grupos financeiros” apoiam esta “política fetichista”. A tese do *Banco Central* acha, também, no Prof. DJACÍR MENEZES um crítico severo.

“Os teóricos do Banco Central — diz ele — apontam-no, hipervalorizando-o, como regulador das condições e do ritmo econômico das nações modernas”. O autor não esconde mais seu cepticismo em relação ao *Fundo Monetário Internacional*. “O fato fundamental há de ser, sempre, a produção, as forças que criam a riqueza em tôdas as latitudes do mundo, qualquer que seja a sua fronteira política. A organização dessa cadeia gigantesca estará subordinada aos verdadeiros interesses humanos?”

O livro mostra-se mais descritivo na última parte, que trata do comércio exterior e dos ciclos econômicos, segundo a classificação de HABERLER. Dois brilhantes capítulos sobre a “Planificação e Socialismo” e “Economia e Democracia” constituem a conclusão desta obra que, certamente, não deixará de despertar um vivo interesse entre os estudiosos da economia política.

Richard Lewinsohn
